

A Vida de Terêncio, de Suetônio: tradução e comentário

The 'Life of Terence' by Suetonius: translation and comments

Fábio Paifer Cairolli*

Resumo: O presente artigo apresenta uma tradução da *Vida de Terêncio*, de Suetônio, discute os critérios utilizados para a versão das passagens em verso contidas no texto e apresenta os principais problemas de interpretação que a *vita* suscita.

Abstract: This article presents a translation of Suetonius' *Life of Terence*, discusses the criteria employed in the poetic translation to the verse sections of the text and presents the most important interpretation problems related to the *vita*.

Palavras-chave:
Biografias latinas;
Terêncio;
Suetônio;
Tradução.

Keywords:
Latin biography;
Terence;
Suetonius;
Translation.

Recebido em: 26/04/2019
Aprovado em: 07/01/2020

* Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo. Professor de Língua e Literatura Latina da Universidade Federal Fluminense. Pesquisador de poéticas da Antiguidade, recepção e tradução de poesia latina. É membro do Laboratório de Estudos Clássicos (LEC/UFF) e do *Verbum Vertere* (VerVe/Usp). É autor da tradução e dos comentários às *Sátiras*, de Pérsio (2019), e, em parceria com João Angelo Oliva Neto, do *Livro dos Espetáculos de Marcial* (2018).

A tradução que forma o núcleo do trabalho aqui apresentado é resultante de um projeto bem pontual. Tendo tomado a cargo a organização de uma disciplina de graduação centrada nas obras dos comediógrafos latinos, Plauto e Terêncio, pareceu-nos oportuno apresentar em primeira mão os problemas de autoria que se associam ao nome de Terêncio, ao menos desde a *Vita Terentii*, de Suetônio. Este autor, se não é ele próprio a fonte primária daquelas informações, é a fonte mais antiga que chegou ao nosso tempo a discutir o assunto. Não encontrando uma versão da *Vita Terentii* acessível em português, tomamos a cargo traduzir o texto nós mesmos e debater a tradução em classe com os discentes. Sendo a *Vita* abundante em citações de fontes em versos, decidimos apresentá-las poeticamente, vertendo-as segundo critérios que apresentaremos no fim deste texto.

O gênero biográfico,¹ em suas origens gregas, no século IV a.C., está diretamente relacionado a finalidades muito mais claramente filosóficas que propriamente históricas, uma vez que, ainda que participem da investigação no passado das causas do presente, mais imediatamente servem para produzir o elogio dos grandes generais e estadistas e suprir modelos éticos. Seu escopo era bem específico, centrando-se nas vidas daqueles indivíduos que ocupavam as grandes posições da vida pública, civil ou militar. Nesse contexto, portanto, não se encontrariam necessariamente indivíduos notáveis por sua produção intelectual.

A biografia desses indivíduos, e particularmente as de poetas, que são o objeto do nosso interesse, surgem de forma mais ou menos independente daquelas e são sustentadas por propósitos diversos. No contexto peripatético, por exemplo, Aristóteles compôs uma obra *Sobre os poetas*, da qual se conhecem apenas fragmentos, que parecem ter caráter biográfico. Não seria despropositado supor que, dentro da imensa atividade de categorização e organização do mundo promovida pelos filósofos do Liceu, a observação da vida de indivíduos – mesmo que não notáveis – atende ao propósito da busca por reincidências que propiciassem a sistematização de gêneros poéticos.

Ainda mais pragmático é o exemplo que se encontra no mundo helenístico, quando se observa a atividade de autores como Calímaco de Cirene (310-240 a.C.). Este, um dos mais notáveis poetas de seu tempo, passou a maior parte de sua vida vinculado à Biblioteca de Alexandria, onde, na função de bibliotecário, redigiu os cento e vinte

¹ Para não levar a discussão a temas que extrapolam o âmbito deste artigo, assumimos o termo biografia, de reconhecimento mais imediato, para tratar do gênero a que pertence o texto em questão. Embora anacrônico (em grego aparece pela primeira vez apenas no século IX), tem a vantagem de não apenas incluir os termos em uso na Antiguidade quando o gênero se consolida, *bíos* e *vita*, mas também determinados antecedentes do gênero, como os *encomia* de Isócrates e Xenofonte, ou obras conhecidas apenas pelo título, cujo teor é apenas conjecturável. Remetemos o leitor interessado à excelente discussão do gênero em Dibbern (2013, p. 110-127).

volumes dos *Pínakes* (*Tábuas*), monumental catálogo, hoje perdido, dos conteúdos daquela instituição. Mais do que processo administrativo, a obra era verdadeiro esforço filológico, já que Calímaco analisava os volumes, interpretava as obras, agrupava-as em gêneros e, o que nos interessa mais pontualmente, apresentava, para cada livro, uma breve entrada biográfica sobre o autor.

Grandes coleções de biografias, quer de homens públicos, quer de homens das artes, circulavam e são a parte principal do *corpus* biográfico da Antiguidade que chegou ao presente, em obras como *Vidas Paralelas*, de Plutarco, ou *As vidas dos doze Césares*, de Suetônio, ambas do século II, representantes de um gênero consolidado. De coleções como essas, já durante o período imperial começaram a se destacar vidas de autores específicos, as quais passavam a integrar as edições ou comentários de suas obras. É desta forma que, da extensa coleção de vidas de poetas que Suetônio escreveu, hoje perdidas, chegam ao nosso tempo as de Terêncio, Horácio, Tibulo, Virgílio e Lucano.

A *Vita Terentii* é a mais autorizada dessas biografias, em grande medida pelo prestígio da fonte que a preservou. A biografia, com efeito, está na introdução do grande estudo sobre o comediógrafo empreendido por Élio Donato (320-380), gramático muito importante do século IV, autor de estudos sobre Virgílio (hoje muito fragmentários) e este, praticamente completo, sobre Terêncio. O decoro das demais partes de seu trabalho depõe a favor de que sua transcrição tenha menos interpolações e abreviações do que usualmente se encontra nessa natureza de textos.

Do ponto de vista formal, a *uita* segue mais ou menos o modelo do gênero biográfico, apresentando (1) as circunstâncias relacionadas ao seu nascimento, (2) informações sobre a juventude e a formação, (3) a produção, (4) coleção de dados sobre aparência, caráter, hábitos e relações, e (5) morte e fortuna crítica. É uma disposição tão intuitiva que o leitor despercebido pode até não notar que são *tópoi* passíveis de prescrição. E, por esse motivo, é de notar aqui um desvio relevante na ordem que se espera da narrativa. Ainda na primeira parte do texto, tendo apenas apresentado e discutido as origens africanas do poeta e muito pontualmente apontado sua juventude e as circunstâncias pelas quais foi libertado (sua inteligência e beleza), salta qualquer apresentação de sua obra e passa à menção, um tanto quanto maliciosa, do convívio do poeta com os nobres de seu tempo.

A nosso ver, ao considerar mais relevante tratar de rumores sobre a vida sexual de Terêncio, em vez de apresentar sua obra e, além disso, ao sugerir que seu acesso aos membros da elite romana do momento, como Cipião e Lélis, só lhe foi franqueado pelo comércio do corpo, Suetônio deixa entrever que o seu juízo a respeito da obra desse autor, não arrolado entre os outros que apresenta, talvez não fosse o mais favorável.

Essa ruptura na ordem da narrativa dá margem à discussão de um problema mais sério na *Vita Terentii*, que é a própria escolha das fontes que Suetônio apresenta, as quais, a despeito da pretensa proximidade cronológica aos eventos narrados, são politicamente interessadas (GARCIA, 1985, p. 75). Mesmo que a isenção seja impraticável, o biógrafo não problematiza os dados que apresenta, arrolando, com pretensa indiferença, juízos críticos favoráveis ou desfavoráveis ao final do texto. No entanto, a desproporcionalidade e o destaque que Suetônio dá ao testemunho de Pórcio Lícino não deixam de evidenciar sua própria preferência interpretativa.

De fato, a *Vida de Terêncio* não é o único lugar em que a antipatia de Suetônio se revela pela amplificação de relatos depreciativos envolvendo a sexualidade do biografado. A mesma organização pode ser verificada, por exemplo, na *Vida de Domiciano*, o último dos doze césares, que governou entre 81 e 96, durante a juventude do historiador, e foi malquisto por diversos homens de letras do tempo, como Tácito, Juvenal e Plínio, o Jovem. Confronte-se a introdução da vida do comediógrafo com a do imperador:

I. Domitianus natus est VIII. Kal. Novemb. patre consule designato inituroque mense insequentis honorem, regione urbis sexta ad Malum Punicum, domo quam postea in templum gentis Flaviae conuertit. Pubertatis ac primae adulescentiae tempus tanta inopia tantaque infamia gessisse fertur, ut nullum argenteum uas in usu haberet. Satisque constat Clodium Pollionem praetorium uirum, in quem est poema Neronis quod inscribitur Luscio, chirographum eius conseruasse et nonnumquam protulisse noctem sibi pollicentis; nec defuerunt qui affirmarent, corruptum Domitianum et a Nerua successore mox suo (edição de J. C. Rolfe, Suetonius, 1920, p. 338-340).

Domiciano nasceu aos nove dias antes das calendas de novembro – sendo seu pai cônsul designado e devendo, no mês seguinte, assumir as funções do cargo – no sexto bairro da Cidade, no *Malum Punicum*, numa casa mais tarde convertida por ele mesmo em templo da família Flávia. Passou, conta-se, sua juventude e o começo de sua adolescência numa tal penúria e numa tal infâmia que não possuía, para seu uso, um vaso de prata sequer. É o fato incontroverso que Clódio Polião, antigo pretor, contra o qual há um poema de Nero intitulado *O Zarolho*, conservava e mostrava um bilhete do próprio punho de Domiciano, prometendo-lhe ‘uma noite’. Afirma-se que ele foi desonrado também por Nerva, mais tarde seu sucessor (tradução de Sady-Garibaldi, *A vida dos doze Césares*, 2002, p. 495).

Vemos aqui a repetição do procedimento: após brevíssimas informações sobre nascimento (a brevidade, se deve, em parte, a que muito do que se podia falar sobre sua ascendência já fora arrolado nas vidas de Vespasiano e Tito, respectivamente seu pai e irmão), o primeiro dado sobre a juventude é a indigência e a infâmia. Para introduzir os boatos sobre a submissão sexual do imperador-menino, usa verbos vagos como *constat* (‘é certo que’, que o tradutor torna mais dramático como ‘é o fato incontroverso’) ou *nec defuerunt qui affirmarent* (‘não faltou quem afirmasse’), tentando dar credibilidade para o rico anedotário político romano.

Tornando a Terêncio, as nuances dessa crítica política não deixam de interferir na interpretação das comédias do autor. Ao implicar que Terêncio tinha vínculos intelectuais com Cipião, Lúlio e Fúrio Filo, o fragmento de Pórcio foi utilizado por muita crítica, especialmente nos séculos XIX e XX, para fundamentar a existência de um "Círculo de Cipião".

Que os Cipiões fossem uma das forças políticas dominantes no cenário político da Roma dos séculos III e II a.C., exercendo frequentes cargos civis e militares, é questão dada. Uma equivalente força cultural centrada em um dos membros dessa *gens* é tema disputável. O Cipião de que se trata aqui é Cipião Emiliano, neto adotivo de Cipião Africano, que também acabou recebendo o *cognomen* Africano, que vemos referido na *uita*, por sua atuação decisiva na Terceira Guerra Púnica. A esta personagem está vinculado o historiador Políbio, que descreve seu convívio com o general em diversas passagens de sua *História Pragmática*. Terêncio é vinculado ao mesmo general por este biógrafo. Ainda assim, não há nada em tais referências que aponte para a existência de um círculo, nem que muitos de seus supostos integrantes realmente se relacionassem com Cipião com tal regularidade. Como aponta Daniel Hanchey (2013, p. 113), "a grande vantagem do círculo para o acadêmico reside em sua flexibilidade. Se um indivíduo do século II a.C. puder ser conectado a Cipião, ou a um amigo de Cipião, será possível então atribuir a esse indivíduo diversas ideologias filo-helênicas que caracterizavam o grupo".² A redução de trabalho leva à perigosa assunção de que o filo-helenismo existente em Roma no século II a.C. fosse algo organizado, à feição dos movimentos e vanguardas dos séculos XIX e XX. O mesmo autor, levando a discussão à obra de Terêncio, mostra o quanto essa redução interfere na própria leitura: "Achar sentimentos de humanismo e filo-helenismo em Terêncio é uma coisa; identificá-lo como porta-voz de um largo programa de helenização de Cipião e seus amigos é outra" (HANCHEY, 2013, p. 114).³ A leitura do fragmento de Pórcio, contudo, é comprometida. Quando se minimiza seu vínculo com uma biografia de um comediógrafo, fica mais claro que os versos são uma invectiva contra Cipião e seus amigos, não contra Terêncio. O poeta cartaginês, cujo nome sequer é pronunciado, emerge do texto como vítima das volubilidades de patrícios levianos.

Um detalhe que convém notar em relação ao fragmento é sua autoria. O poeta que Suetônio nomeia como Pórcio é provavelmente Pórcio Lícino, personagem obscura, ainda que citadíssima nos manuais de literatura latina por conta de uma passagem famosa do antiquário Aulo Gélcio (*Noctes Atticae*, 19, 9, 10ss) que o arrola junto aos poetas Lutácio

² No original: "The great advantage of the circle to the scholar lay in its flexibility. If one could connect a figure in second-century Rome to Scipio, or to a friend of Scipio, one could then ascribe to that figure the various philhellenic ideologies that characterized the circle" (tradução minha).

³ No original: "To find sentiments of humanism and philhellenism in Terence is one thing; to identify him as a mouthpiece for the broad Hellenizing cultural program of Scipio and his friends is another" (tradução minha).

Cátulo e Valério Edítuo como autores dos primeiros poemas eróticos em língua latina equiparáveis aos seus equivalentes gregos. Apuleio, em sua *Apologia* (9), também os arrola em conjunto, o que nos faz supor uma fonte comum. O filósofo de Madaura nomeia este poeta somente como Pórcio, o que nos conduz a aceitar se tratar da mesma pessoa. Isso posto, não é despropositado lembrar que, sendo membro da *gens Porcia*, pode muito bem ter algum alinhamento de ideias com o membro mais famoso da família, Catão, o Censor, que era o grande contraponto intelectual ao filo-helenismo em meados do século II a.C., com sua desconfiança generalizada em relação aos gregos e sua proverbial adesão aos valores antigos dos romanos (ou que se acreditava haver existido nos antigos romanos), o *mos maiorum*.

O fragmento é, de mais a mais, prelúdio para uma discussão também desairosa dos rumores, aparentemente contemporâneos à encenação das peças, de que o *corpus* terenciano não fosse de autoria do poeta, mas de seus amigos poderosos.

De fato, após uma apresentação um tanto sumária da produção de Terêncio, em que apenas *Andria*, *O Eunuco* e *Os Adelfos* recebem algum comentário (e, das outras três peças, *Formião* sequer chega a ser nomeada), passa-se à questão autoral, que ocupa a parte central da *uita*. São propostas anedotas envolvendo os nomes de Cipião e de Lélio. Suetônio tem a ousadia de culpar a vítima dos boatos por sua circulação. Para isso, cita o texto de Terêncio em que este estaria confessando o fato, ou ao menos fazendo uma defesa muito pífia de sua autoria. A passagem do prefácio dos *Adelfos* reporta apenas a acusação de que indivíduos nobres (jamais nomeados) o ajudassem e que tal acusação não o envergonha, mas o faz sentir-se honrado, já que são homens que deram, na paz e na guerra, benefícios que o povo também estima.

Parece-nos que um tipo de boato dessa natureza nasce daquele despeito, no embate entre facções políticas, no qual a redução das ideias da outra parte passa pela redução da capacidade cognitiva do outro: segundo esse raciocínio, um ex-escravo procedente da odiosa Cartago não seria capaz de ter as ideias da peça e, portanto, as obras de Terêncio só poderiam ser parte de um projeto tramado por uma grande figura – e nesse ponto entra a proximidade com Lélio e Cipião. Não está em desacordo com o tipo de difamação recorrente na vida pública romana, nem com o gosto pelos temas sórdidos que tantas vezes caracteriza os textos de Suetônio. O que sobressai do confronto entre o prefácio de Terêncio e o fragmento de Pórcio é que o comediógrafo ocupa, diante daqueles patrícios, a posição de cliente.

A leitura de outros poetas em situação análoga demonstra a procedência de tal caracterização. A leitura das *Sátiras* de Horácio deixa ver como o poeta é utilizado mais de uma vez para atingir Mecenas, seu patrono (é o caso das sátiras I, 9 e II, 6). Os *Epigramas*

de Marcial dedicam espaço significativo às agruras da relação entre patronos e clientes, e o poeta descreve a si mesmo em situações análogas às que Pórcio descreve: a busca pela aprovação dos patronos é descrita, por exemplo, em V, 80, em que Marcial pede que um Severo e um Segundo (este, possivelmente, é Plínio, o Jovem, que foi patrono do poeta) apliquem sua *lima censória* sobre os epigramas; em III, 36, fala sobre o fardo de acompanhar o patrono nos seus luxos. A ideia de que o patrono seja alguém cuja voz deva ser ouvida, Marcial aplica ao divertido epigrama VI, 48:

*Quod tam grande sophos clamat tibi turba togata,
non tu, Pomponi, cena diserta tua es.*

Se a turba em toga brada pra ti grandes bravos,
não tu, Pompônio, a ceia é que é eloquente.

As vilas de seus patronos (que Marcial tinha diversos) em lugares da moda, como em Baías (III, 58), Fórmias (X, 30) ou mesmo nos subúrbios de Roma (IV, 64), são cantadas recorrentemente, inclusive em longos poemas como os acima mencionados, e embora refúgio de férias, são também os lugares para onde as docíamaras relações de clientelismo se transferem.

Hanchey (2013, p. 125) nota como a ambiguidade da situação também é delicada para Terêncio e como, apesar disso, ele parece utilizar a circunstância a seu favor: a admissão da redação conjunta poderia arruinar sua fama; a negação categórica poderia ser igualmente desastrosa por implicar desprezo pela amizade de um *homo nobilis*. O comediógrafo, contudo, nem nega, nem confirma; não menciona quem são participantes do boato, mas vê vantagem em ser equiparado a tais nomes.

Como se vê no texto, os diversos dados que o historiador arrola para balizar vida e morte são confusos. A indignação que Pórcio atribui ao fim da vida de Terêncio não condiz com a propriedade que deixou ou com o prêmio recorde recebido pela peça *Eunuco*. Não condiz ainda com a versão reportada por outros autores de que tenha morrido longe de Roma, em viagem cuja circunstância podia estar vinculada aos boatos – uma fuga ou uma busca por instrução, diz Suetônio. Nós, contudo, vemos até uma tentativa de autoafirmação: longe dos alegados co-autores, o poeta poderia efetivamente escrever obras que demonstrariam seu talento individual. As letras latinas oferecem diversos modelos de confronto: As *uitae* de Virgílio, por exemplo, também o fazem viajar à Grécia para terminar sua *Eneida*. Marcial, tendo se deslocado para a sua terra natal já na velhice, de lá remete seu último livro, no qual declara evidentes as marcas (em seu caso, negativas) que a ausência de Roma impõe ao seu estilo. Cícero, após o perigoso sucesso de sua defesa

no caso de Sexto Róscio Amerino,⁴ retira-se para a Grécia com a desculpa de completar sua formação. A viagem de estudos, bem como o exílio voluntário, mescla-se em maior ou menor grau nos exemplos arrolados e testemunha que ambas as práticas, e sua fusão, eram recorrentes na intelectualidade romana.

Finalmente, a *Vita Terentii* é interessante pela forma como arrola a fortuna crítica do autor, reportando os juízos tão variados que circulavam, muitos deles em verso, testemunhando uma aceitação irregular do autor. O comediógrafo Afrânio o considera o melhor poeta cômico;⁵ Vulcácio, autor de um perdido *De poetis*, escrevera um índice dos poetas cômicos em que Terêncio amarga uma sexta colocação – a passagem que Suetônio menciona com brevidade é citada integralmente em Gélio (XV, 24).

A joia da coleção são os dois juízos finais, tanto mais obscuros quanto mais notáveis seus autores, Cícero e César. O fragmento de Cícero, quatro hexâmetros datílicos, procede de uma obra da qual nada mais se sabe, o *Limon* (do grego λειμών, 'prado'). Pelo duplo sentido de seu título (além da etimologia grega, o nome retoma o verbo latino *limo*, que dá o português *limar*) parece tratar-se de um poema no qual se faz a crítica de poetas. Aposto ao juízo de Cícero vem o fragmento de César, precioso por três motivos diversos. Primeiramente, por ser, com a exceção de uma obscura linha preservada por Isidoro de Sevilha, o único fragmento poético supérstite da obra de César. Segundo o testemunho do próprio Suetônio (*Vida de César*, 56), sua obra incluía, além dos dois conhecidos comentários, os dois livros gramaticais *Sobre a analogia*, que defendiam o estilo utilizado nos comentários, os discursos contra Catão, o jovem, e um poema que relatava uma viagem, o *Iter*, além de obras cuja publicação póstuma foi vetada por Augusto – possivelmente não eram compatíveis com o modelo ideológico de cesarismo que o sucessor desenvolvia. Segundo, porque o fragmento testemunha o acesso privilegiado que o historiador pode ter tido à biblioteca imperial durante o exercício do cargo de *magister epistularum* que lhe é atribuído na primeira biografia da *Historia Augusta*, a *Vida de Adriano* (XI, 3) – posição na qual teria tido acesso a tantos documentos fora de circulação como os que demonstra conhecer na *Vida dos doze Césares*. Finalmente porque, dispostos engenhosamente como foram pelo historiador, a justaposição dos textos e suas semelhanças fazem supor que o texto de César seja uma resposta ao texto

⁴ No ano de 80 a.C., Cícero defende Sexto Róscio Amerino de uma pesada acusação de parricídio. É o seu primeiro grande caso e com ele alcança grande projeção, mas também corre riscos, uma vez que sua linha de argumentação inclui uma acusação a Crisógono, poderoso liberto do ditador Sila, de ter incluído irregularmente os bens do morto entre os bens dos proscritos, para depois adquiri-los por valor irrisório em leilão, o que denunciaria envolvimento dessa personagem com os verdadeiros assassinos do pai de Róscio, bem como a motivação. O discurso de defesa, *Pro Roscio Amerino*, ainda hoje pode ser lido.

⁵ Lúcio Afrânio foi um poeta cômico ativo no início do século I a.C., de quem, a despeito do sucesso relatado nas fontes antigas, restam apenas breves fragmentos.

de Cícero, na esteira de tantos embates, políticos e intelectuais, que as duas personagens travaram em sua longa vida pública.

O louvor de Cícero é incondicional, mas é mais discreto: Terêncio é o único a trazer Menandro ao latim com palavras brandas. Quanto Cícero reputa isso bom, o fragmento não demonstra com clareza, e seria necessário um confronto com o volumoso *corpus* de juízos de Cícero ao estilo de outros poetas e oradores para tentarmos inferir as reais intenções de tais versos.

Que César respondesse à passagem de Cícero, não só o tratamento do assunto sugere, mas a própria semelhança acústica do primeiro verso, que igualmente começa com a expressão *Tu quoque* ('Você também') e termina com um vocativo. Ao contrário do fragmento de Cícero, nenhum comentário se faz sobre a procedência dos versos cesarianos. O juízo de César é mais claro: Terêncio é colocado no primeiro lugar entre os latinos, mas à sua escrita branda falta a *uis*, a força, que o impede de ser igualado aos gregos. O poema de César é notável pelo uso de dois termos raros, que, diante da estética de clareza que se associa ao general, merecem ser tratados como realçadores do sentido. No primeiro verso, temos o poeta cartaginês apelado pelo termo *dimidiatus Menander* ('Menandro cortado pela metade'); que já condensa toda a discussão que virá na sequência, de que brandura e força compõem um Menandro inteiro, e Terêncio, possuidor de só uma dessas virtudes, seria alguém cindido. Inusitado, também, no último verso, é o uso de *maceror*, voz passiva do verbo *macero*, que dará o português 'macerar'. O verbo tem uma ambiguidade inerente: se na sua forma passiva tem o sentido de atormentar-se (com um curioso eco a uma das peças de Terêncio, o *Atormentador de si mesmo*), na voz ativa comporta os sentidos de abrandar, enfraquecer, estabelecendo uma relação ética entre a ausência de força do texto e a ausência de força que ele causa na recepção.⁶

Em termos gerais, a biografia é incrivelmente representativa do tipo de abordagem feita por Suetônio ao gênero biográfico. O enfoque ético, com certo gosto pelo anedótico e pelo deforme, se apresenta na predominância do *tópos* relações sociais em detrimento da discussão da obra. Esse aspecto se soma ao uso das fontes para a construção de um discurso em que a aprovação ou reprovação da personalidade retratada é sutilmente mascarada pelo tratamento distanciado das fontes.

⁶ Uma discussão sobre os fragmentos e revisão bibliográfica sobre o que já se disse sobre eles pode ser vista em Casali (2018).

Os critérios de tradução poética

Uma das prioridades estabelecidas para tornar nossa tradução desta *uita* publicável era que os fragmentos poéticos apresentados tivessem tratamento poético no português, evitando uma redução à literalidade que pretenda se prender ao sentido da palavra, visto que cremos que os sentidos ditos “literais” de um poema não são dissociáveis do tratamento textual que torna um texto poético. A discussão dos fragmentos em nosso comentário demonstra nossa afirmação e motivou nossa busca por critérios poéticos que funcionassem, não como teoria geral, mas para a inter-relação dos textos. Antes de discuti-los individualmente, o critério primário que nos levou às escolhas métricas que fizemos foi acolher o máximo possível soluções abundantes em nossa tradição literária, as quais são mais prontamente identificáveis pela recepção.

O primeiro e mais desafiador dos fragmentos poéticos é precisamente o primeiro, de Pórcio. É ao mesmo tempo o mais longo e o que possui o metro mais desafiador. Escrito em septenários trocaicos, verso composto de sete pés e meio em troqueus, os quais representam, no mínimo, quinze sílabas poéticas, é medida inusitada para nossa língua. Aproveitando-nos de que este metro possui uma diérese após o quarto pé, optamos por traduzir cada verso por duas redondilhas maiores, versos de sete sílabas com acentuação interna variada. Não somos, contudo, o primeiro a propor esta forma de tradução. Antecede-nos na escolha do metro o pesquisador Renan de Castro Rodriguez, que desenvolve mestrado em Estudos da Linguagem, na Universidade Federal Fluminense, exatamente com a tradução do septenário trocaico dessa forma. Ainda que até o presente momento não tenha levado resultados à publicação, temos conhecimento de seu trabalho, cuja precedência deve ser mencionada. Tentamos aumentar a musicalidade dos versos com o recurso a rimas toantes alternadas nos versos pares. Como o fragmento possui uma quantidade ímpar de versos, optamos, no verso 9 do texto latino, por quebrar a cadência da tradução e emparelhar as rimas nos versos 18-19 (correspondendo à segunda parte do verso 9 e a primeira do 10), de forma a assimilar uma irregularidade na distribuição da informação no original que ocorre mais ou menos nessa parte do poema.

Os senários jâmbicos de Terêncio foram vertidos, segundo a prática já corrente em algumas traduções disponíveis em nossa língua, por dodecassílabos. Referimo-nos, por exemplo, aos trímetros de Horácio que integram seus *Epodos*, traduzidos por dodecassílabos por Alexandre Hasegawa (2010), ou ainda o prólogo do *Poenulus*, de Plauto, cuja tradução Beethoven Alvarez publicou em 2019. No fragmento de Terêncio, chamamos atenção ao par *maleuoli/maledictum*, testemunho da construção vocabular que era um dos modos de produção de sentido na comédia romana. Optamos por traduzi-lo

por 'malvados' e 'maldizer', respectivamente, recuperando, no último, um termo técnico da literatura vernácula que é também um arcaísmo, buscando um sabor antigo para um autor que é, em alguma medida, um modelo antigo para os autores do latim dito clássico, do século I a.C.

Versos soltos foram tratados por vezes em função daquilo que o arranjo da linha solitária permitia. Assim, no verso solto do *Atormentador de si mesmo* repetimos a tradução por duas redondilhas. Afrânio, por um dodecassílabo. Os três versos de Vulcácio, por decassílabos.

Finalmente, as passagens de Cícero e César, ambas em hexâmetros datílicos, receberam o mesmo tratamento que temos dado em outros lugares a poemas no mesmo metro, seguindo o modelo que Haroldo de Campos usa em sua tradução da *Ilíada*, e repetimos o dodecassílabo. A acentuação interna desses versos foi normalmente na sexta sílaba, às vezes na quarta e na oitava, e algumas vezes logramos até alcançar alexandrinos.

Finalmente, mas não menos importante, o texto latino aqui apresentado segue a edição de Rolfe, publicada em 1920.

TEXTO ORIGINAL:
C. SVETONII TRANQVILLI VITA TERENTII

I. PUBLIUS TERENTIUS AFER, Carthagine natus, seruiit Romae Terentio Lucano senatori, a quo ob ingenium et formam non institutus modo liberaliter sed et mature manumissus est. Quidam captum esse existimant, quod fieri nullo modo potuisse Fenestella docet, cum inter finem secundi Punici belli et initium tertii natus sit et mortuus; nec si a Numidis et Gaetulis captus sit, ad ducem Romanum peruenire potuisse, nullo commercio inter Italicos et Afros nisi post deletam Carthaginem coepto. Hic cum multis nobilibus familiariter uixit, sed maxime cum Scipione Africano et C. Laelio. Quibus etiam corporis gratia conciliatus existimatur, quod et ipsum Fenestella arguit, contendens utroque maiorem natu fuisse, quamuis et Nepos aequales omnes fuisse tradat et Porcius suspicionem de consuetudine per haec faciat:

*Dum lasciuiam nobilium et laudes fucosas petit,
Dum Africani uocem diuinam inhiat audis auribus,
Dum ad Philum se cenitare et Laelium pulchrum putat,
Dum in Albanum crebro rapitur ob florem aetatis suae:
Post sublatis rebus ad summam inopiam redactus est.
Itaque e conspectu omnium abit Graeciam in terram ultimam.
Mortuust Stymphali, Arcadiae in oppido. Nil Publius
Scipio profuit, nil illi Laelius, nil Furius,
Tres per id tempus qui agitabant nobiles facillime.
Eorum ille opera ne domum quidem habuit conducticiam,
Saltem ut esset quo referret obitum domini seruulus.*

II. Scripsit comoedias sex, ex quibus primam "Andriam" cum aedilibus daret, iussus ante Caecilio recitare, ad cenantem cum uenisset, dictus est initium quidem fabulae, quod erat contemptiore uestitu, subsellio iuxta lectulum residens legisse, post paucos uero uersus inuitatus ut accumberet cenasse una, dein cetera percucurrisset non sine magna Caecillii admiratione. Et hanc autem et quinque reliquas aequaliter populo probauit, quamuis Vulcatius dinumeratione omnium ita scribat:

Sumetur Hecyra sexta ex his fabula.

"Eunuchus" quidem bis die acta est meruitque pretium quantum nulla antea cuiusquam comoedia, id est octo milia nummorum; propterea summa quoque titulo ascribitur. Nam "Adelphorum" principium Varro etiam praefert principio Menandri.

III. Non obscura fama est adiutum Terentium in scriptis a Laelio et Scipione, eamque ipse auxit numquam nisi leuiter refutare conatus ut in prologo "Adelphorum":

*Nam quod isti dicunt maleuoli, homines nobiles
Hunc adiutare assidueque una scribere;
Quod illi maledictum uehemens esse existumant,
Eam laudem hic ducit maxumam, quom illis placet
Qui uobis uniuorsis et populo placent,
Quorum opera in bello, in otio, in negotio
Suo quisque tempore usus est sine superbia.*

Videtur autem se leuius defendisse, quia sciebat et Laelio et Scipioni non ingratham esse hanc opinionem; quae tamen magis et usque ad posteriora tempora ualuit. C. Memmius in oratione pro se ait: "P. Africanus, qui a Terentio personam mutuatus, quae domi luserat ipse, nomine illius in scenam detulit."

Nepos auctore certo comperisse se ait, C. Laelium quondam in Puteolano Kal. Martiis admonitum ab uxore temperius ut discumberet petisse ab ea ne interpellaret, seroque tandem ingressum triclinium dixisse, non saepe in scribendo magis sibi successisse; deinde rogatum ut scripta illa proferret pronuntiasse uersus qui sunt in "Heautontimorumeno":

Satis pol proterue me Syri promissa huc induxerunt.

IV. Santra Terentium existimat, si modo in scribendo adiutoribus indiguerit, non tam Scipione et Laelio uti potuisse, qui tunc adulescentuli fuerunt, quam C. Sulpicio Gallo, homine docto et cuius consularibus ludis initium fabularum dandarum fecerit, uel Q. Fabio Labeone et M. Popillio, consulari utroque ac poeta; ideo ipsum non iuuenes designare qui se adiuuare dicantur, sed uiros "quorum operam et in bello et in otio et in negotio" populus sit expertus.

Post editas comoedias nondum quintum atque uicesimum egressus annum, causa uitandae opinionis qua uidebatur aliena pro suis edere, seu percipiendi Graecorum instituta moresque, quos non perinde exprimeret in scriptis, egressus est neque amplius rediit. De morte eius Vulcatius sic tradit:

*Sed ut Afer populo sex dedit comoedias,
Iter hinc in Asiam fecit, et nauem ut semel
Conscendit, uisus numquam est; sic uita uacat.*

V. Q. Cosconius redeuntem e Graecia perisse in mari dicit cum C. et VIII. fabulis conuersis a Menandro. Ceteri mortuum esse in Arcadia Stymphali siue Leuccadiae tradunt

Cn. Cornelio Dolabella M. Fulvio Nobiliore consulibus, morbo implicitum ex dolore ac taedio amissarum sarcinarum, quas in naue praemiserat, ac simul fabularum, quas novas fecerat.

Fuisse dicitur mediocri statura, gracili corpore, colore fusco. Reliquit filiam, quae post equiti Romano nupsit; item hortulos XX iugerum uia Appia ad Martis uillam. Quo magis miror Porcium scribere:

*Scipio nihil profuit, nihil Laelius, nihil Furius,
Tres per id tempus qui agitabant nobiles facillime;
Eorum ille opera ne domum quidem habuit conducticiam
Saltem ut esset quo referret obitum domini seruulus.*

Hunc Afranius quidem omnibus comicis praefert scribens in "Compitalibus":

Terenti non similem dicens quempiam.

Vulcatius autem non solum Naeuio et Plauto et Caecilio, sed Licinio quoque et Atilio postponit. Cicero in "Limone" hactenus laudat:

*Tu quoque, qui solus lecto sermone, Terenti,
Conuersum expressumque Latina uoce Menandrum
In medium nobis sedatis uocibus effers,
Quiddam come loquens atque omnia dulcia dicens.*

Item C. Caesar:

*Tu quoque, tu in summis, o dimidiate Menander,
Poneris, et merito, puri sermonis amator.
Lenibus atque utinam scriptis adiuncta foret uis,
Comica ut aequato uirtus polleret honore
Cum Graecis neue hac despectus parte iaceres!
Unum hoc maceror ac doleo tibi desse, Terenti.*

TRADUÇÃO
A VIDA DE TERÊNCIO, POR GAIO SUETÔNIO TRANQUILO

I. Públio Terêncio Afro, nascido em Cartago, foi escravo do senador Terêncio Lucano em Roma, de quem recebeu, graças ao seu talento e à sua beleza, não apenas a educação de um homem livre, mas também a liberdade quando adulto. Alguns acham que foi capturado na guerra; que isso de modo algum poderia ter acontecido é o que sustenta Fenestela, pois Terêncio nasceu e morreu entre o final da Segunda Guerra Púnica e o início da Terceira, e se tivesse sido capturado por Numidas ou Getulos, não poderia ter alcançado as mãos de um general romano, uma vez que o intercâmbio comercial entre itálicos e africanos não começou senão depois da destruição de Cartago.

Este viveu em estreita amizade com muitos nobres, especialmente com Cipião Africano e Caio Lélío. Diz-se que a estes rendia graças também com o corpo; opinião que Fenestela também rejeita, argumentando que Terêncio era mais velho que os outros dois, embora Nepos escreva que eles eram todos contemporâneos, e Pórcio seja aquele que levanta suspeitas sobre tais hábitos nestes versos:

Enquanto busca nos nobres
louvor feroso e lascívia,
enquanto as orelhas bebem
do africano voz divina,
enquanto acha bom que Filo,
que Lélío chame ao jantar,
Enquanto a flor de seus anos
em Alba deixa vazar.
Depois, quando estes passaram,
ficou na maior pobreza.
Foge, assim, do olhar de todos
aos últimos fins da Grécia.
Morreu na cidade Estínfalo,
na Arcádia. Então para Públio
Cipião não era nada,
nem pra Lélío, nem pra Fúrio,
Os três nobres que viveram
o melhor naqueles tempos;
Nem conseguiu por seus meios,
uma casa pra alugar,

nem, morrendo, tinha escravo
que o pudesse anunciar.

II. Escreveu seis comédias. Quando ofereceu aos edis a primeira delas, *Andria*, foi ordenado que a recitasse para Cecílio. Terêncio chegou à sua casa quando este estava jantando e diz-se que, por ter se vestido de maneira humilde, começou a ler o trabalho sentado num banquinho perto do anfitrião. Mas depois de alguns versos, Cecílio convidou-o a reclinar-se ao seu lado. Depois de jantar, leu o resto, não sem grande admiração da parte de Cecílio.

Esta e as outras cinco receberam a aprovação do público, embora Vulcácio delas diga na enumeração

Exclua-se a sua sexta comédia, Hécira.

O *Eunuco* foi apresentado duas vezes no mesmo dia e obteve um prêmio como nunca antes alcançou uma comédia de outro autor, a saber, oito mil sestércios; por isso a soma aparece registrada nos títulos. Além disso, Varrão prefere o prefácio dos *Adelfos* de Terêncio até mesmo ao de Menandro.

III. Não é pouco conhecido o rumor de que Terêncio foi ajudado por Cipião e Lélío na escrita. Rumor que ele mesmo aumentou por não ter tentado negar, a não ser de passagem, como no prólogo dos *Adelfos*:

*Quanto ao que dizem os malvados, 'nobres homens
o ajudam muitas vezes e escrevem com ele'.
O que àqueles parece um forte maldizer
este crê que é louvor maior, pois lhes agrada
aquilo que a vocês e a todo o povo agrada,
eles, cuja obra, em guerras, no ócio e no negócio
cada qual a seu tempo fruiu sem soberba.*

Parece, contudo, que ele fez uma defesa leviana, visto que sabia que nem a Cipião nem a Lélío era desagradável essa opinião, que mais e mais prevaleceu posteriormente. Caio Mêmio, no discurso em defesa de si mesmo, diz: "*Públio Africano, emprestando a máscara de Terêncio, levou à cena sob o nome desse as obras que ele próprio havia escrito em sua casa como passatempo.*"

Nepos afirma ter sabido por fontes confiáveis que Lelio, uma vez em Puteoli, nas calendas de março, quando sua esposa foi lembrá-lo de vir à mesa cedo, pediu-lhe

para não interrompê-lo; e depois de um tempo ele veio ao triclinio, observando que ele raramente tinha escrito mais. Pediram-lhe que desse a conhecer o que havia escrito, ele leu os versos do *O atormentador de si mesmo*:

*que audácia, Pólux!, trazerem
a mim promessas de Siro.*

IV. Santra considera que se Terêncio tivesse sentido necessidade de ajuda escrevendo, não teria recorrido a Cipião ou Lélío, que eram jovens então, mas a C. Sulpício Galo, homem muito culto durante cujo consulado começou-se pela primeira a dar fábulas nos jogos, ou por Quinto Fábio Labeão e Marco Popílio, ex-cônsules e poetas. Por este motivo, Terêncio não se referiu aos jovens que, dizia-se, o ajudavam, mas a homens “cuja obra em guerras, no ócio e no negócio” era conhecida do povo.

Depois que suas comédias foram publicadas, não tendo ainda ultrapassado os vinte e cinco anos, para evitar o rumor de que ele publicou as obras de outras pessoas como suas, ou para se aprimorar nas instituições e costumes dos gregos, que ele não teria retratado com precisão em suas obras, saiu de Roma e nunca voltou.

Da sua morte, Vulcácio nos fala dessa maneira:

*Depois que Afro editou as seis comédias,
rumou pra Ásia. E entrado no navio,
já ninguém mais o viu: a vida larga.*

V. Quinto Coscônio diz que morreu no mar quando retornava da Grécia com cento e oito comédias traduzidas de Menandro. Outros pensam que morreu em Estínfalo, cidade de Arcádia, ou na ilha de Leucádia, durante o consulado de Cn. Cornélio Dolabela e M. Fúlvio Nobilior, adoecido por causa da dor e do desânimo pela perda da bagagem, que tinha enviado pelo mar, e com ela das novas obras que havia escrito.

Terêncio é descrito como um homem de estatura média, corpo pequeno e pele escura. Deixou uma filha que mais tarde se casou com um cavaleiro romano; também deixou uma chácara de vinte jeiras na Via Apia, ao lado da mansão de Marte. Por isso, aumenta meu espanto pelo que Pórcio escreve:

*[pra] Cipião não era nada,
nem pra Lélío, nem pra Fúrio,
Os três nobres que viveram
o melhor naqueles tempos;
Nem conseguiu por seus meios,*

*uma casa pra alugar,
nem, morrendo, tinha escravo
que o pudesse anunciar*

Afrânio o prefere a todos os autores cômicos, como escreve em seu *Compitalia*:

Dizendo que ninguém se assemelha a Terêncio.

No entanto, Vulcácio não só o coloca atrás de Névio, Plauto e Cecílio, mas também de Licínio e Atilio. Cícero, em *Limão*, elogia desta maneira:

*Tu também, o único a medir o tom, Terêncio,
que verteu e expressou Menandro em voz latina,
em meio a nós o trazes com palavras calmas,
falando o afável e dizendo tudo doce.*

Também C. César:

*Tu também, tu mais alto, ó, Menandro cindido,
Te elevem, com razão, que amas as falas puras.
Ah, se aos brandos escritos se juntasse a força
Para a virtude cômica igualar em honras
Aos gregos, e o despeito não te desprezar!
Só isso me corrói que te falte, Terêncio!*

Referências

Documentação textual

- APULEIUS *Apuleii Platonici Madaurensis Pro se de magia liber (Apologia)*. Iterum edidit Rudolfus Helm. Lipsia: Teubner, 1913.
- CAIROLI, F. P. *Marcial brasileiro*. 2014. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- CICERO. *Defence speeches*. Translation by D. H. Berry. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- GELIUS. *The Attic Nights of Aulus Gellius*. With an English translation by John C. Rolfe. Cambridge: Harvard University Press/William Heinemann, 1984. v. 1.
- HORÁCIO. *Q. Horatii Flaci Carmina*. Recensuit Fredericus Vollmer. Lipsia: Teubner, 1913.
- SUETÔNIO. *A vida dos doze Césares*. Tradução de Sady-Garibaldi. São Paulo: Ediouro, 2002.
- SUETÔNIO. *Suetonius*. Translation by J. C. Rolfe. Cambridge: Harvard University Press, 1920. 2 v.
- THE SCRIPTORES STORIE AUGUSTAE. Translation by David Magie. London/Cambridge: Heinemann/Harvard University Press, 1979. 1 v.

Obras de apoio

- ALVAREZ, B. B. Traduzindo Plauto em verso: o prólogo de Poenulus. In: PAGANINE, C. G.; HANES, V. (Ed.). *Tradução e criação: entrelaçamentos*. Campinas: Pontes, 2019, p. 109-142.
- CASALI, S. Caesar's poetry in its context. In: GRILLO, L.; KREBS, C. B. (Ed.). *The Cambridge Companion to the writings of Julius Caesar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018, p. 206-214.
- DIBBERN, C. H. *O êthos de Aníbal em Tito Lívio e Cornélio Nepos: imagens*. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- GARCÍA, Y. (Ed.). *Biografías literarias latinas*. Madrid: Gredos, 1985.
- HANCHEY, D. P. Terence and the Scipionic grex. In: AGOUSTAKIS, A.; TRAIL, A. (Ed.). *A Companion to Terence*. Malden: Wiley-Blackwell, 2013, p. 113-131.
- HASEGAWA, A. P. *Dispositio e distinção de gêneros nos Epodos de Horácio: estudo acompanhado de tradução em verso*. 2010. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.